

Alina Villalva

Morfologia do Português

Universidade Aberta
2008

Capítulo 2. O Léxico do Português

Objectivos

Neste segundo capítulo pretende-se apresentar os aspectos do conhecimento do léxico do Português. Aqui se inclui:

- uma breve descrição da história do léxico do Português
- uma explicitação dos conceitos de neologismo, arcaísmo, dialectalismo
- a identificação de recursos não-morfológicos para a formação de palavras

No final desta unidade, o aluno deverá conhecer:

- as principais características históricas do léxico do Português
 - base latina
 - substratos
 - superstratos
- o conceito de neologismo
- alguns recursos não-morfológicos para a formação de palavras, como:
 - invenção de palavras
 - onomatopeia
 - redobro
 - amálgama
 - eponímia
 - extensão semântica
 - truncamento
 - acronímia
 - formação de siglas
 - abreviação
 - empréstimo

A identificação do conjunto de palavras que constitui o léxico de uma língua é uma tarefa difícil de cumprir. Num livro intitulado *Catalogue des Idées Reçues sur la Langue*, Marina Yaguello (1988: 87) afirma o seguinte¹:

Les mots de la langue constituent (...) un ensemble aux contours incertains. On ne peut pas dénombrer les mots d'une langue. Tout au plus peut-on donner un ordre d'idée. La diversité des registres, l'abondance des argots et jargons spécialisés, le fait que certains mots tombent en désuétude tandis que de nouveaux mots sont créés tous les jours rendent tout décompte arbitraire.

É certo que para a maioria das línguas conhecidas existem dicionários, vocabulários e outros inventários de palavras, que recobrem partes mais ou menos extensas do léxico², mas também é sabido que nenhum destes objectos é exaustivo e que a informação que facultam é seleccionada pelos seus autores e é frequentemente assistemática, variando

de entrada a entrada. É, pois, difícil alcançar uma caracterização global do léxico de uma língua a partir da consulta deste tipo de objectos, devendo o conhecimento do léxico em extensão dar lugar a um conhecimento qualitativo. Mais do que a enumeração das palavras que o compõem, a

Existem muitas espécies de **dicionários**, que variam em função da cobertura que oferecem e do tipo de informação que disponibilizam. Quando se fala em dicionários, pensa-se quase sempre em dicionários monolíngues, que registam o léxico geral de uma língua e veiculam uma informação gramatical sumária e paráfrases das diversas significações. De fora ficam, em geral, arcaísmos, dialectalismos e neologismos, ou seja, palavras consideradas como desvios à norma. Usos particulares podem, no entanto, recorrer a dicionários de outros tipos, como os dicionários plurilíngues, os dicionários inversos ou dicionários especializados, como os etimológicos ou os dicionários técnicos dedicados a uma dada língua de especialidade.

A vulgarização dos chamados dicionários electrónicos tem vindo a tornar possível a concentração de informação num único objecto, o que constituía um obstáculo inultrapassável para os dicionários apresentados em suporte-papel.

caracterização do léxico exige o reconhecimento das suas principais propriedades históricas e sincrónicas, o que constitui o objecto de estudo da lexicologia. Vejamos, então, como se apresenta o léxico do Português.

No presente capítulo começaremos por fazer uma breve descrição da evolução do léxico do Português, para, em seguida, identificar alguns dos fenómenos de perdas e ganhos no léxico desta língua, apresentando

conceitos como **neologismo** e **arcaísmo**. Dado que os capítulos seguintes se dedicam exclusivamente às questões morfológicas, veremos aqui que também existem **recursos não-morfológicos de formação de palavras**, sendo o empréstimo um dos mais relevantes.

2.1 Herança Latina, Substratos e Superstratos

Tal como a própria língua, o léxico do Português está ancorado no léxico latino e, em particular, no léxico do Latim falado no noroeste da Península Ibérica durante a vigência do Império Romano³, que, segundo Piel (1976), se começa a diferenciar do Latim falado noutras regiões por volta do século V d.C. Nem as línguas faladas nesta região antes da ocupação romana conseguiram subsistir à colonização linguística latina, nem as línguas dos posteriores ocupantes foram capazes de suplantá-la. Palavras como as de (1) exemplificam a monumental herança lexical latina e permitem observar algumas das alterações fonéticas que acompanharam a passagem do Latim ao Português:

(1)	<i>CAPILLUM</i>	>	<i>cabelo</i>
	<i>CLAMARE</i>	>	<i>chamar</i>
	<i>DOLORE</i>	>	<i>dor</i>
	<i>FILIUM</i>	>	<i>filho</i>
	<i>LACTE</i>	>	<i>leite</i>
	<i>LUNA</i>	>	<i>lua</i>
	<i>PLACERE</i>	>	<i>prazer</i>
	<i>REGINA</i>	>	<i>rainha</i>

Há, no entanto, alguns vestígios das línguas pré-romanas existentes na Península Ibérica até ao século II a.C., habitualmente designadas por **substratos**: Castro (1991) refere as palavras *camurça*, *esquerdo* e *chaparro*, como exemplos dos substratos mediterrânico, proto-basco e ibero, respectivamente. Os **superstratos**, ou seja, as línguas faladas pelos ocupantes da Península Ibérica findo o domínio romano, também deixaram vestígios no Português⁴. Segundo Castro (1991: 151), as palavras registadas em (2) constituem verdadeiras formas de superstrato germânico na Península Ibérica, dado que não ocorrem fora deste território:

(2)	<i>GASALJA</i>	companheiro	>	<i>agasalhar</i>
	<i>SPITUS</i>	espeto	>	<i>espeto</i>
	<i>GANS</i>	ganso	>	<i>ganso</i>
	<i>LOFA</i>	palma da mão	>	<i>luva</i>
	<i>RAUBA</i>	despojos tomados ao inimigo	>	<i>roupa</i>

Os vestígios lexicais do superstrato árabe são mais abundantes. Os exemplos seguintes mostram que estes empréstimos incorporam frequentemente um determinante com a forma *al-* (cf. 3a) ou esta mesma forma modificada por assimilações fonéticas desencadeadas pela palavra que precede, ocorridas na língua de origem (cf. 3b, 3c e 3d), ou outros tipos de alteração fonética (cf. 3f e 3g):

- (3)
- | | | | |
|----|------------|---|------------------|
| a. | AL-QATIFA | > | <i>alcatifa</i> |
| | AL-QUFFA | > | <i>alcofa</i> |
| b. | AR-RUZZ | > | <i>arroz</i> |
| | AR-RABAD | > | <i>arrabalde</i> |
| c. | AS-SUTEYHA | > | <i>açoteia</i> |
| | AS-SUKKAR | > | <i>açúcar</i> |
| d. | AT-TUNN | > | <i>atum</i> |
| e. | AL-MAHAZÉN | > | <i>armazém</i> |
| | AL-GULLA | > | <i>argola</i> |
| f. | AD-DAYHA | > | <i>aldeia</i> |
| | AD-DAHÁ'IM | > | <i>andaime</i> |

Os arabismos que não são precedidos pelo determinante são menos numerosos e podem ter sido integrados no Português de um modo diferente dos anteriores, nomeadamente em fase posterior ou por intermédio de uma terceira língua⁵.

- (4)
- | | | | | |
|----|------------|-----------------------------------|---|---------------------------|
| a. | HANBAR | 1256 | > | <i>âmbar</i> ⁶ |
| | WA XÁ,LLÁH | e queira Deus, 1495 | > | <i>oxalá</i> |
| | XARÁB | <i>bebida, poção, séc. xiii</i> | > | <i>xarope</i> |
| b. | MISKIN | pobre, infeliz, do Castelhana | > | <i>mesquinho</i> |
| | HAXXÍXÍN | consumidor de haxixe, do Italiano | > | <i>assassino</i> |
| | SUFFA | <i>esteira; coxim, do Francês</i> | > | <i>sofá</i> |

Cronologicamente, segue-se a constituição do Português como língua, facto localizável entre o século IX e o século XIII⁷. Mas a caracterização histórica do seu léxico não termina aqui. Dos contactos com outras línguas, ao sabor de alianças políticas, lutas pela preservação das fronteiras e da nacionalidade, ou desejos de conquista do mundo, surgem novas palavras a que se dá o nome geral de empréstimos e nomes particulares determinados pela designação na língua de origem⁸.

A **etimologia** é uma disciplina que procura informação acerca da história das palavras, até encontrar o seu étimo, que é a forma mais antiga da palavra, de que há conhecimento.

O confronto da palavra com o seu étimo mostra, por vezes, alterações que não são meramente linguísticas. O nome de alguns meses do ano, por exemplo, preserva a memória de calendários já abandonados: é o caso de *Setembro*, o sétimo mês do ano romano, *Outubro*, o oitavo, *Novembro*, o nono e *Dezembro*, o décimo. Noutros casos, a distância fonética entre o étimo e a forma contemporânea só se compreende à luz de uma qualquer reinterpretação. Esse pode ser o caso de *alfinete*, proveniente do Árabe *AL-HILÂL*, mas talvez contaminado pela forma de *fino*, que é uma das suas propriedades (note-se que em Castelhana a forma cognata é *alfiler*).

Etimologia popular é o nome dado a hipóteses etimológicas fantasiosas, geralmente associadas a uma história curiosa e plausível, mas que não encontra confirmação na observação dos dados conhecidos. É o que se verifica, por exemplo, com a filiação do adjetivo *sincero* na expressão *SINE CERA* ('sem cera'), que aludiria a um episódio sobre a qualidade de vasos em cera. Esta hipótese não é confirmada por etimologistas respeitados como Ernout e Meillet, autores de um dicionário etimológico do Latim.

2.2 A Neologia

As palavras que não fazem parte do léxico de uma língua desde a sua fundação como língua são ou foram neologismos. Neologismos são, pois, palavras que, num dado momento da existência de uma língua são consideradas palavras novas, como telemóvel, cujo aparecimento no final do século xx motivou a integração da palavra no léxico do Português.

É fácil constatar que muitas das palavras que integram o léxico de uma língua foram, no passado, neologismos – basta olhar para a data da sua primeira atestação. Veja-se, por exemplo, a definição de Cunha (1996) para a palavra *penicilina*:

(5) ***penicilina***

Substância formada no crescimento de certos fungos, com acentuada acção antibiótica, descoberta pelo inglês A. Fleming, em 1928, e obtida em 1941, pelo australiano Howard Florey e pelo alemão Ernst Chain. XX. Do lat. cient. penicillina, do nome científico do fungo Penicillium notatum.

O aparecimento da palavra não pode ser anterior ao aparecimento da substância que ela refere. Com efeito, o *Dicionário Houaiss* data a palavra de 1929, filiando-a na palavra inglesa *penicillin*, por sua vez

formada a partir do radical latino PENICILL(IUM) e *-in*, um sufixo semelhante ao sufixo português *-ina*, responsável pela formação de nomes como propriedade de substância (cf. *acromatina*, *dextrina*), ou como efeito da substância (cf. *morfina*, *ocitonina*, *narcotina*, *pepsina*).

Alguns dicionários registam justamente a data da primeira atestação de palavras que, nesse momento, eram neologismos. É o que se verifica no *Oxford English Dictionary*, que indica a primeira ocorrência das palavras, como se exemplifica em (6). O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Cunha (1996), atribui às palavras portuguesas equivalentes datações bastante diferentes. Isto não significa que estas palavras tenham entrado no léxico do Português muito mais tarde do que os seus equivalentes ingleses no léxico do Inglês, mas indicia a fragilidade da lexicografia portuguesa⁹. Com efeito, as datas que ocorrem não referem necessariamente o documento que encerra a primeira atestação da palavra, embora tal possa suceder, mas, mais frequentemente, a data do primeiro registo lexicográfico da palavra¹⁰.

(6)	OED	Cunha (1996)	Houaiss (2001)
	<i>temperature</i> 1531	<i>temperatura</i> 1813	<i>temperatura</i> 1813
	<i>logarithm</i> 1615	<i>logaritmo</i> 1813	<i>logaritmo</i> 1676
	<i>neurosis</i> 1776	<i>neurose</i> 1899	<i>neurose</i> 1899
	<i>oxygen</i> 1790	<i>oxigénio</i> XIX	<i>oxigénio</i> 1836
	<i>metabolism</i> 1878	<i>metabolismo</i> 1899	<i>metabolismo</i> 1877
	<i>genetics</i> 1901	<i>genética</i> XX	<i>genética</i> 1939

Independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua génese. Não existe uma só maneira de gerar neologismos, existem diversas: alguns neologismos são palavras inventadas ou criadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes, outros são palavras introduzidas na língua por empréstimo a outras línguas e outros ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfológicos disponíveis na língua. A criação de neologismos encontra na morfologia uma potente ferramenta, que tem como fortes aliados a sistematicidade e previsibilidade, mas não se esgota aí.

2.3 Recursos Não-morfológicos na Formação de Palavras

Nesta secção, o propósito é mostrar alguns fenómenos de criação de palavras que por vezes são apresentados também como domínio da morfologia, mas que, em rigor, não o são. Formas como *bezidróglio*, que teve uma vida efémera num concurso de televisão dos anos 70 do século XX, ou como *escanifobético*, podem ser inventadas, sendo o produto da criatividade dos falantes, basta que a sequência fonética resultante seja reconhecível como uma palavra dessa língua e que a sua categorização sintáctica seja plausível. Este tipo de invenção de palavras, totalmente imotivado, é um processo por vezes utilizado na criação literária. É o que se verifica nos seguintes textos:

Ditirambo, de Mário Cesariny

meu maresperantotôtémico
minha màlanimatógrafurriel
minha noivadiagem serpente
meu èliòtròpolipo polar
meu fiambre de sol de roseira
minha musa amiantulipálida
meu lustrefrenado céu grande
minha afiàurora manhã
minha fôgoécia de estátuas
minha labrioquimia cerrada
minha ponta na terra meu arsgrima
meu diamantermita acordado!

Urânia, de Jorge de Sena

Purília amancivalva emergidanto,
imarculado e rósea, alviridente,
na azúrea juvenil conquinomente
transcurva de aste o fido corpo tanto...
Tenras nadáguas que oculvivam quanto
palidiscuro, retradito e olente
é mínimo desfincta, repente,
rasga e sedente ao duro latipranto.
Adónica se esvolve na ambolia
de terso antena avante palpinado.
Fímbril, filível, viridorna, gia
em túlida mancia, vaivinado.
Transcorre uníflo e suspentreme o dia
noturno ao lia e luçardente ao cado.

Estórias Abensonhadas, de Mia Couto

(...) *Estava já eu predisposto a escrever mais uma crónica quando recebo a ordem: não se pode inventar palavra. (...) Siga-se o código e calendário das palavras, a gramatical e **dicionária** língua. Mas ainda, a ordem era **perguntosa**: 'já não há respeito pela língua-materna?'*

*Não é que eu tivesse a intenção de inventar palavras. (...) Mas a ordem me deixou **desesfeliz**. (...) sou um homem **obeditoso** aos mandos. Resumo-me: sou um **obeditado**. (...) Nunca ponho três pontos que é para não pecar de **insinuência**. (...) Agora acusar-me de **inventeiro**, isso é que não. Porque sei muito bem o perigo da **imagináutica**. Às duas por **triz** basta uma simples letra para alterar tudo. (...) Entijole-se o homem com tendência a **imaginescências**.*

*Voltando à **língua fria**: não será que o português não está já feito, completo, made in e tudo? Porquê esta mania de usar os caminhos, levantando poeira sem a devida direcção? Estrada civilizada é a que tem polícia, sirenes serenando os trânsitos. Caso senão, **intransitam-se** as vias, cada um conduzindo mais por desejo que por obediência. (...) Por causa dessas contribuições **dispérsicas** que chegam à língua sem atestado nem guia de marcha. (...) E montavam-se postos de controlo, **vigilanciosos**. (...) Uma espécie de milícia da língua, com braçadeira, a mandar parar falantes e **escreventes**. (...) E mesmo antes da resposta, eu, **arrogancioso**:*

- Não pode passar. Deixa ficar tudo aqui no posto.

(...) a vida é uma grande fábrica de imagineiros e há muita estrada para poucos vigilentos.

Ainda que todos estes casos possam ser considerados como invenções, a verdade é que nem todas estas invenções correspondem a criação completamente original. O leque abre-se com a suposta motivação sonora da onomatopeia, e desvenda-se na utilização mais ou menos aleatória e assistemática de dados da própria língua, como se verifica nos casos de amálgama, eponímia ou de operações semânticas sobre as palavras. Vejamos, com um pouco mais de atenção, o que se passa em cada um destes domínios.

As **palavras onomatopaicas**¹¹ são formadas por uma sequência de sons da fala que pretende reproduzir um dado estímulo sonoro não-verbal. No Português Europeu, a criação de palavras onomatopaicas é muito pouco frequente e as formas atestadas também não são muito numerosas:

- | | | |
|-----|-------------------------------|----------------|
| (7) | <i>atchim</i> ou <i>atxim</i> | nome masculino |
| | <i>chio</i> | nome masculino |
| | <i>trás</i> | interjeição |
| | <i>zás</i> | interjeição |

Em geral, estas palavras são usadas em registos particulares, como o da banda desenhada ou a interacção verbal com crianças, por exemplo, na designação de alguns animais ou das suas 'vozes':

- (8)
- | | | |
|-------------------|----------------|----------------------|
| <i>cocorócocó</i> | nome masculino | = voz do galo |
| <i>cricri</i> | nome masculino | = voz do grilo |
| <i>gluglu</i> | nome masculino | = voz do peru |
| <i>piopio</i> | nome masculino | = ave |
| <i>miau</i> | nome masculino | = gato e voz do gato |

Excepcionalmente, a sequência fonética que reproduz o som é formada por uma expressão linguística: é o que se verifica com a designação informal do *colibri* como *bem-te-vi*, ou da *galinha de angola* como *(es)tou-fraca* (ambas atestadas no Português do Brasil).

Note-se que estas palavras integram uma onomatopeia mas também, frequentemente, os constituintes morfológicos exigidos pela sua integração numa dada categoria (cf. *miar*, *piar*, *zumbir*, *zurrar*). As formas onomatopaicas podem também servir de base à formação de palavras, mas o formato é

O **redobro** (também chamado reduplicação) é um processo de criação de palavras que consiste na repetição de uma palavra já existente e que é frequentemente uma forma verbal, como *cai-cai* ou *dói-dói*.

Aparece frequentemente associado a outros processos de criação de palavras, como a onomatopeia (cf. *zunzum*) e o truncamento (cf. *vóvó*), e particularmente na formação de hipocorísticos, que são a versão carinhosa de palavras existentes (cf. *Nônô*).

quase sempre aleatório, com inserção de sons que tornem a sequência fonética plausível, ou fazendo uso dos mecanismos de redobro:

- (9)
- | | | |
|--------------------|---|-----------------|
| <i>clique</i> | → | <i>clicar</i> |
| <i>popó</i> | | |
| <i>tautau</i> | | |
| <i>tlim</i> | → | <i>tilintar</i> |
| <i>tique-taque</i> | | |
| <i>toctoc</i> | | |

Em muitos casos, as formas onomatopaicas são empréstimos de outras línguas, inclusivamente do Grego Antigo e do Latim:

- Gr. *MU* 'gemido' Lat. *MURMURARE* Pt. *murmurar*
- Lat. *SUSSURRARE* Pt. *sussurrar*
- Fr. *froufrou* Pt. *frufriu*
- Ing. *ping-pong* Pt. *pingue-pongue*

A existência de empréstimos não impede que diferentes línguas recorram à onomatopeia para formar palavras com um idêntico valor referencial, mas diferentes realizações fonéticas, o que mostra como a motivação física da onomatopeia é frágil e menos motivada do que se esperaria. No exemplo seguinte pode ver-se que ou os cães latem de forma

diferentes em diferentes países, ou a onomatopeia é tão convencional e arbitrária quanto qualquer outro signo linguístico:

(11)	Portugal	<i>ãõ ãõ</i>
	Brasil	<i>au-au</i>
	França	<i>whou whou</i>
	Alemanha	<i>vow vow</i>
	Estados Unidos da América	<i>ruf ruf</i>

A **amálgama** é um processo de combinação aleatória de segmentos de palavras, que consiste, geralmente, na justaposição da primeira parte da primeira palavra à última parte da segunda (cf. 12a), mas outras combinações são possíveis (cf. 12b):

(12)	a.	<i>fidalgo</i>	filho + de +algo
		<i>você (vossemecê, vomecê)</i>	vossa + mercê
	b.	<i>modem</i>	modulador demodulador
		<i>posat</i>	portuguese satellite
		<i>telex</i>	teleprinter exchange

Algumas destas formas estão plenamente integradas no léxico do Português (cf. 12a), outras são sentidas como neologismos mais ou menos familiares e mais ou menos efêmeros (cf. 13a e 13b):

(13)	a.	<i>analfabro</i>	analfabeto + bruto
		<i>camurso</i>	camelo + urso
		<i>nim</i>	não + sim
		<i>franglês</i>	francês + inglês
		<i>portunhol</i>	português + espanhol
	b.	<i>barrigordo</i>	barrigudo + gordo
		<i>bebemorar</i>	beber + comemorar
		<i>borbotixa</i>	borboleta + lagartixa
		<i>catastróica</i>	catástrofe + perestróica
		<i>cavaquistão</i>	Cavaco + (X)istão
		<i>showmício</i>	show + comício
		<i>teatreca</i>	teatro + biblioteca

Este recurso é frequentemente utilizado na construção de nomes de empresas:

(14)	<i>Petrogal</i>	petróleo + Portugal
	<i>Portucel</i>	Portugal + celulose

E é também um recurso muito usado por alguns criadores literários. Retomando os exemplos de Cesariny, Sena e Mía Couto, constata-se a existência de casos de amálgama em todos eles:

(15)	<i>diamantermita</i>	diamante + térmita
	<i>insinuência</i>	insinuação + insolência
	<i>nadáguas</i>	nádegas + águas
	<i>noivadiagem</i>	noiva + vadiagem
	<i>palidiscuro</i>	pálido + escuro
	<i>suspentreme</i>	suspende + treme
	<i>vigilentos</i>	vigilantes + lentos

Algumas das formas geradas por amálgama são empréstimos de outras línguas, incusivamente do Latim, o que atesta a sua antiguidade:

(16)	<i>freguês</i>	filius + ecclesiae
	<i>cyborg</i>	cibernética + organismo
	<i>metrossexual</i>	metropolitan + heterossexual

A **eponímia** (palavra que em Grego significava ‘que dá o seu nome a uma coisa’) consiste na formação de um adjetivo, de um nome comum ou de um verbo a partir de um topónimo ou de um antropónimo:

(17) *acaciano* - ‘ridículo pela sua forma de ser ou de falar’, de Conselheiro Acácio, personagem de O Primo Basílio, romance de Eça de Queirós

almeida - ‘varredor de ruas’, de Almeida, lugar de origem de uma brigada de limpeza das ruas de Lisboa, constituída pelo Barão de Almeida

jaquinzinho - ‘carapau pequeno’, de um desconhecido Joaquim

sebastianismo - ‘crença de que a resolução dos problemas políticos nacionais será alcançada com a vinda de um salvador misterioso’, de Sebastião, rei de Portugal morto na batalha de Alcácer-Quibir

zé-pereira - ‘tocador de bombo’, de um desconhecido Zé Pereira

Muitos dos epónimos disponíveis no Português são empréstimos, ou são formados sobre um nome próprio estrangeiro, podendo a sua origem ser mais ou menos conhecida e remota:

(18) *afrodisíaco* - ‘que excita o desejo sexual’, de Afrodite, deusa da mitologia grega que representava o amor

alfarrábio - ‘livro antigo’, do Árabe FARABI, nome de um filósofo do Turquestão, que viveu nos séculos IX e X

algoz - ‘carrasco, executor da pena de morte ou de outras penas corporais’, do Árabe gozz, nome da tribo onde geralmente eram recrutados os carrascos

benjamin - ‘o filho mais novo’, do hebraico biniamin ‘filho da mão direita e, na Bíblia, filho mais novo e preferido de Jacob’

diesel - ‘derivado do petróleo’, de Rudolf Diesel, engenheiro alemão que inventou o motor alimentado por este combustível

hamburger - ‘bife de carne picada’, do Alemão Hamburger, proveniente de Hamburgo

Janeiro - ‘primeiro mês do ano civil nos calendários juliano e gregoriano’, de Janus, deus da mitologia romana que protege as entradas e as saídas, o interior e o exterior

sanduíche - ‘fatias de pão com carne’, do título do Conde de Sandwich (1718-1792), cujo cozinheiro inventou uma refeição própria para ser consumida à mesa de jogo

saxofone - ‘instrumento de sopro’, de A. J. Sax, seu inventor

tangerina - ‘citrino’, de Tânger, cidade marroquina

Frequentemente, a eponímia dá origem não a uma forma mas a um conjunto de formas, que podem, ou não, estar morfológicamente relacionadas entre si:

(19) *boicotar, boicote* - de Boycott, nome de um capitão irlandês, que, em consequência de exigências excessivas, suscitou uma recusa geral de trabalhar sob as suas ordens

chauvinismo, chauvinista - de Nicolas Chauvin, soldado de Napoleão que inspirou peças teatrais em que aparecia como patriota exagerado, de uma lealdade totalmente cega

linchar, linchamento - de Lynch, nome de um norte-americano autor de um tipo de punição sumária determinada por um tribunal judicial auto-criado

maquiavélico, maquiavelismo - de Machiavelli, estadista florentino, célebre pelas suas teorias políticas

pasteurizar, pasteurizado, pasteurização - de Pasteur, nome do cientista francês que inventou este processo

tácito, tacitamente – de Tácia, deusa do silêncio, na mitologia romana

Vejam, por último, a **extensão semântica**, que consiste na atribuição de um novo significado a uma palavra já existente: *papel* (do Latim *PAPÝRUS*, nome de uma planta), por exemplo, começa por referir uma ‘substância formada por matérias vegetais ou de trapos reduzidos a massa, e disposta em folhas, para se escrever, embrulhar, etc’. Posteriormente, passou a ser usado como sinónimo de ‘obrigação, dever’, mas também passou a referir a ‘parte de uma peça teatral que cabe a cada actor’. Actualmente, acumula todos estes valores semânticos e pode ainda significar ‘dinheiro em notas’. Por outro lado, usos específicos da matéria-

prima que é o papel receberam nomes distintos, como *carta*, que começa por designar uma ‘folha de papel preparada para receber a escrita’, mas ganha novos significados, de sinónimo de ‘missiva, mensagem’, a documento de identificação de uma qualidade, como se verifica em *carta de condução*. Nesta última acepção é o aumentativo *cartão* (cujo significado original é o de folha de papel mais espessa) que ganha relevo, surgindo na denominação de documentos, como o *cartão de crédito*, *cartão de eleitor*, *cartão de utente* ou *cartão de contribuinte*. Mas se a *carta* recebe uma marca que prova a autenticidade de uma proveniência passa a ser um *bilhete*, como o *bilhete de identidade* que exhibe um selo branco; se vinha dobrado em dois era um *diploma*, e se autorizava o exercício de uma actividade passava a chamar-se *alvará*.

A mudança semântica também pode ser exemplificada por uma palavra como *virtude*, cujo étimo latino (i.e. *VIRTUS*, *-UTIS*) referia ‘qualidades (físicas e morais) que distinguem o homem, força própria dos homens’, e que, no Português significa ‘disposição habitual para a prática do bem’, tanto por homens como por mulheres. O mesmo se verifica com *virtual* ou com *virilha*, palavras que em Latim derivavam da forma *VIR*, que significavam ‘homem’, e cuja interpretação contemporânea não conhece essa restrição semântica.

Para além destes processos de criação de palavras, há outros recursos, igualmente não-morfológicos, que não se propõem criar novas palavras, mas sim formas mais ágeis de utilizar palavras ou sequências de palavras já existentes. Trata-se de processos como o truncamento, a acronímia e a formação de siglas e abreviaturas, cujos principais traços característicos serão seguidamente apresentados.

Truncamento é um processo de redução de uma palavra, que elimina uma sequência, geralmente no final da palavra¹², e pode associar à sequência truncada um índice temático geralmente distinto do índice temático da base, sendo imprevisivelmente *-a* ou *-o*, como se pode constatar nos seguintes exemplos:

(20)	<i>analfa</i>	analfabeto
	<i>china</i>	chinês
	<i>cusca</i>	coscuvilheiro
	<i>emigra</i>	emigrante
	<i>monga</i>	mongolóide
	<i>reaça</i>	reaccionári{o; a}
	<i>facho</i>	fascista
	<i>agito</i>	agitação

Note-se que, de um modo geral, os nomes assim criados são masculinos e não admitem contraste de género (cf. *um china* / *uma china*), ou admitem a existência desse contraste, mas só permitem que seja realizado sintacticamente (cf. *um comuna* / *uma comuna*). Nos restantes casos, o truncamento não é seguido de qualquer alteração formal e preserva o valor de género da forma de base (cf. *um heli(cóptero)* / *uma manif(estação)*):

(21)	<i>def</i>	deficiente
	<i>expo</i>	exposição
	<i>heli</i>	helicóptero
	<i>manif</i>	manifestação
	<i>prof</i>	professor(a)

Por vezes, o truncamento parece reconhecer uma estrutura de composição morfológica, preservando o primeiro radical (que é geralmente um radical neoclássico) e a vogal de ligação:

(22)	<i>foto</i>	fotografia
	<i>metro</i>	metropolitano
	<i>micro</i> [-fem]	microfone
	<i>micro</i> [+fem]	micro-radiografia
	<i>moto</i> ¹³	motocicleta
	<i>porno</i>	pornográfico/a
	<i>quilo</i>	quilograma
	<i>zoo</i>	zoológico

Regra geral, as formas truncadas e as suas bases são sinónimas (cf. *otorrino* vs. *otorrinolaringologista*), limitando-se as formas mais curtas a facilitar o uso dessas palavras. Algumas outras, porém, são utilizadas exclusivamente em registos linguísticos menos formais, e, em alguns casos, podem mesmo ter uma carga pejorativa. (cf. *comuna* vs. *comunista* ou *prof* vs. *professor*). O resultado de um processo de truncamento pode ainda não ocorrer como forma livre, mas sim como um formativo de um composto. É o que se verifica com a forma *tele-* que ocorre em *telejornal* não com o mesmo valor com que ocorre em *televisão*, mas sim como sinónimo truncado de *televisão* – um *telejornal* é um jornal apresentado na televisão. O mesmo se verifica com *auto-* em *autoestrada*, onde retoma o valor de *automóvel*, pelo que uma *autoestrada* não permite o trânsito de bicicletas ou veículos de tracção animal.

Muitos hipocorísticos de antropónimos são formados por truncamento, processo que pode afectar quer um segmento inicial (mais frequente no Português Europeu), quer final (preferido pelo Português Brasileiro), quer ambos, com eventuais alterações fonéticas:

(23)	<i>Quim</i>	= Joaquim	<i>Lena</i>	= Helena
	<i>Nando</i>	= Fernando	<i>São</i>	= Conceição
	<i>Zé</i>	= José	<i>Tina</i>	= Cristina
	<i>Alex</i>	= Alexandre	<i>Bia</i>	= Beatriz
	<i>Edu</i>	= Eduardo	<i>Carol</i>	= Carolina
	<i>Rafa</i>	= Rafael	<i>Isa</i>	= Isabel
	<i>Tó</i>	= António	<i>Bia</i>	= Maria

A **acronímia** é também um processo de redução, mas o seu domínio de intervenção é uma sequência de palavras. Em termos práticos, a acronímia consiste na criação de uma palavra a partir do(s) grafema(s) que se situa(m) no início das palavras que integram um título ou uma frase. A forma resultante é foneticamente realizada como um contínuo, e não como uma sequência de sons independentemente articulados:

(24)	<i>IVA</i>	imposto sobre o valor acrescentado
	<i>PREC</i>	processo revolucionário em curso

De um modo geral, as propriedades gramaticais dos acrónimos são herdadas das propriedades da palavra que constitui o núcleo sintático da expressão que está na sua base: *palop* é um nome masculino porque *país* é um nome masculino; *Pide* é um nome feminino porque *polícia* é um nome feminino. *TAC* é um dos casos em que o uso não respeita essa condição: *TAC* é uma *tomografia* – *tomografia* é um nome feminino, mas *TAC* é geralmente usado como um nome masculino. Este desencontro pode ser causado pela perda da identidade entre a expressão de base e o acrónimo, mas também pelo facto do masculino ser o valor de género não-marcado.

Muitos dos acrónimos disponíveis em Português são empréstimos¹⁴ e especialmente anglicismos:

(25)	<i>faq</i>	frequently asked questions
	<i>laser</i>	light amplification by simulated emission of radiation
	<i>pin</i>	personal identification number
	<i>sonar</i>	sound navigating and ranging
	<i>yuppie</i>	young urban professional

Este processo de criação de palavras é frequentemente utilizado para a denominação de empresas, instituições e organizações, embora não ocorra exclusivamente neste domínio lexical:

(26)	<i>EPAL</i>	Empresa Pública das Águas de Lisboa
	<i>FIL</i>	Feira Internacional de Lisboa
	<i>ICEP</i>	Instituto de Comércio Externo de Portugal
	<i>PIDE</i>	Polícia de Intervenção e Defesa do Estado
	<i>REFER</i>	Rede Ferroviária Nacional

<i>SIC</i>	S ociedade I ndependente de C omunicação
<i>SOREFAME</i>	S ociedades R eunidas de F abricações M etálicas
<i>VARIG</i>	V iação A érea R io G randense

Também neste caso se encontram denominações formadas noutras línguas, mas utilizadas no Português, por se tratar de empresas ou organizações internacionais ou estrangeiras relevantes em Portugal:

(27)	<i>FIAT</i>	F abbrica I taliana di A utomobili di T orino
	<i>FNAC</i>	F édération N ationale d' A chats des C adres
	<i>CIA</i>	C entral I ntelligence A gency
	<i>UEFA</i>	U nion of E uropean F ootball A ssociations
	<i>UNICEF</i>	U nited N ations I nternational C hildren's E mergency F und

Muitas das organizações internacionais ou fenómenos globalizados cujo nome é formado por acronímia com base numa expressão gerada numa língua que não o Português, podem ser designadas por esse acrónimo original ou por um outro acrónimo, formado com base na tradução portuguesa da expressão inicial. É o que se verifica nos seguintes casos:

(28)	<i>AIDS</i>	a cquired i mmunodeficiency s yndrome
	<i>SIDA</i>	síndrome de i munodeficiência a dquirida
	<i>NATO</i>	N orthern A tlantic T reaty O rganization
	<i>OTAN</i>	O rganização do T ratado do A tlântico N orte

Na passagem de língua para língua há, por vezes, siglas que se transformam em acrónimos, mas o mesmo se verifica no interior de um único sistema, como o Português, onde uma mesma sequência pode ser realizada como acrónimo (cf. *ONG* de Organização Não-Governamental) ou como sigla (cf. *O.N.G.*):

(29)	<i>VIP</i>	v ery i mportant p erson
	<i>UN</i>	U nited N ations
	<i>ONU</i>	O rganização das N ações U nidas

A formação de **siglas** também é um processo de redução de uma sequência de palavras, de novo um título ou uma frase, consistindo na sequencialização do primeiro grafema de cada uma dessas palavras ou radicais, separados ou não por um diacrítico (cf. *a.C.* vs *BD*). A sua realização fonética é soletada. Tal como os acrónimos, as siglas identificam frequente, mas não exclusivamente, empresas, instituições e organizações:

(30)	<i>a.C.</i>	a ntes de C risto
	<i>BD</i>	b anda d esenhada
	<i>BI</i>	b ilhete de i dentidade

<i>d.C.</i>	depois de Cristo
<i>PJ</i>	Polícia Judiciária
<i>RTP</i>	Radiotelevisão Portuguesa
<i>TVI</i>	Televisão Independente

Algumas das siglas usadas no Português são empréstimos. Neste domínio há que distinguir os empréstimos que resultam da adaptação da base ao Português (cf. 31a), dos casos em que a base original é preservada (cf. 31b), ainda que a preservação da soletração da língua original seja mais rara (cf. *DVD* vs *VIP*).

- (31) a. *ADN* **ácido desoxirribonucleico**
DNA **desoxirribonucleic acid**
- IMF* **International Monetary Fund**
FMI **Fundo Monetário Internacional**
- OAU* **Organization of African Unity**
OUA **Organização de Unidade Africana**
- b. *BBC* **British Broadcasting Corporation**
BMW **Bayerische Motorenwerke**
CD **compact disk**
CNN **Cable News Network**
DVD **digital video disk**
IBM **International Business Machines**
SOS **save our souls**
TNT **trinitrotolueno**
WC **water closet**
www **world wide web**

Note-se que as siglas podem ser ambíguas. *PS*, por exemplo, pode significar *post scriptum* ou *Partido Socialista*, *PC* remete para *Partido Comunista* e também para computador pessoal (*personal computer*), *APL* pode significar *Administração do Porto de Lisboa*, *Associação dos Produtores de Leite* ou *Associação Portuguesa de Linguística* e *PSP* tanto identifica a *Polícia de Segurança Pública* como a *PlayStation Portable*. A polissemia é uma propriedade de muitas palavras, geralmente resolvida pelo contexto, mas a proliferação do uso das siglas não deixa, em muitas circunstâncias, de ser geradora de situações de dificuldade de comunicação.

Vejamos, por último, a **abreviação**, que gera uma forma com menor extensão, mas sinónima de uma palavra existente na língua. Trata-se de um processo exclusivamente utilizado na escrita, já que a produção oral desenvolve obrigatoriamente a abreviatura¹⁵:

- (32) *A/c* **ao cuidado de**

obs. **observação**
p&b **preto e branco**

Estes exemplos mostram que a constituição das abreviaturas é aleatória, podendo basear-se na ortografia das palavras que toma como base (cf. *l* para ‘litro’), procurar grafemas foneticamente próximos do alvo (cf. *Kg* para ‘quilograma’) ou convencionalmente equivalentes (cf. *m²* para ‘metro quadrado’), e pode usar sinais de pontuação (cf. *ex.* ‘exemplo’, *c/* ‘com’) ou não (cf. *q#* ‘que’, *tb* ‘também’). Como a abreviação é um processo muito ligado a uma dada norma ortográfica e as normas ortográficas variam de língua para língua, não é fácil encontrar empréstimos, exceção feita às abreviaturas de expressões latinas:

(33) *etc.* **et caetera**
e.g. **exempla gratia**

A abreviação é frequentemente utilizada em referências toponímicas, registrando-se, em alguns casos, divergências de uso:

(34) *Av.* Avenida
Av.^a Avenida

Pç. Praça
Pç.^a Praça

R. Rua

Nas abreviaturas que referem títulos pessoais ou profissionais pode haver grafemas que distinguem o valor de gênero da forma plena:

(35) *Dr.* doutor
Dr.^a doutora
Sr. senhor
Sr.^a senhora
Ex.^{mo} excelentíssimo
Ex.^{ma} excelentíssima
Il.^{mo} ilustríssimo
Il.^{ma} ilustríssima
V.^a Ex.^a vossa excelência

Os numerais ordinais são frequentemente grafados com recurso ao cardinal correspondente e um ^o ou ^a, que marcam concordância de gênero, em posição de expoente:

(36) *1^o* primeiro
1^a primeira
100^o centésimo
100^a centésima

A expansão da comunicação electrónica é responsável pelo aparecimento de um grande número de abreviaturas, ainda que muitas vezes se trate da abreviação de expressões de outras línguas:

- (37) *bjs* beijos
 fds fim de semana
 LOL riso (de 'laughing out loud')

2.4 Os Empréstimos

A introdução de palavras de uma língua de origem numa língua-alvo é um processo antigo e frequentemente atestado. A recepção destas palavras estrangeiras é que nem sempre é idêntica. Não é raro encontrar gramáticos e falantes que criticam ou rejeitam o uso de palavras não-vernáculos, tendo até termos como estrangeirismo, decalque ou galicismo uma certa conotação pejorativa¹⁶. Assim se explica que o uso de uma palavra como *detalhe* (do Francês *détail*) ou *gafe* (do Francês *gaffe*) seja desaconselhado por puristas, que recomendam, em sua substituição, *pormenor* e *deslize*, respectivamente. Por vezes, a introdução de empréstimos suscita mesmo polémica, dado que se trata de um processo relacionado com a história social da comunidade linguística que os veicula e daquela que os acolhe. Veja-se, por exemplo, como o seu uso é irónico na letra de uma canção de José Afonso, intitulada *Década de Salomé*. O conjunto de estrangeirismos identificáveis na transcrição seguinte não é um conjunto homogéneo: algumas destas formas integram pacificamente o léxico do Português (cf. *bidé*, do Francês *bidet*, e *bricolage*, que também é uma palavra de origem francesa), ainda que a forma gráfica mais consensual nem sempre seja aquela que aí se apresenta (cf. *trousses*, que também é um galicismo, e *champon*, anglicismo de origem Hindu). Outras são um pouco estranhas, mas ainda assim reconhecíveis (cf. *bi-camion*, de novo um galicismo) e o terceiro conjunto é formado por palavras que caricaturam o dialecto dos emigrantes portugueses em França (cf. *mariage*, termo francês sinónimo de *casamento*; *maison*, palavra francesa que pode ser traduzida por *casa*; e *patron*, que é uma palavra francesa cognata de *patrão*).

(38) *Vai terminar esta prosa
estamos na década de Salomé
será o apocalipse ou a torneira
a pingar no **bidé**?
É meio-dia, dia de feira
mensal em Vila Nogueira
Estamos na década do **bricolage**
Diz um jornal que um emigra
morreu afogado em Mira
antes da data
do **mariage**
Estamos na Europa
Civilizada
já cá faltava
uma **maison**
Pour la **Patrie**
plo Volkswagen
acabou-se a forragem
Viva o **Patron!**
Já tem destino esta terra
vamos mudar para o marché aux puces
o tempo das ceroilas está no fio
agora só de **trousses**
Saem quarenta mil ovos moles
Vilar Formoso
é logo ali
Faz-se um enxerto
com mijo de gato
sola de sapato
voilà Paris!
Aos grandes Super-Mercados
chega a cultura num **bi-camion**
Camões e Eça vendem-se enlatados
lavados com "**champon**"
A fina flor do entulho
largou o pêlo ganhou verniz
Será o Christian Dior o manageiro
a mandar no País?
Estamos na Europa
do "estou-me nas tintas"
Nada de colectivismos
Chacun por si, meu
e chacun por soi*

A ocorrência de empréstimos é, no entanto, um fenómeno incontornável e muitas vezes difícil de evitar, dada a inexistência de léxico autóctone com idêntico valor referencial¹⁷. A sua introdução pode ocorrer

por via directa ou pode ser mediada por uma outra língua; e pode ser objecto de (maior ou menor) conformação fonética e morfológica ao Português tomando como base a realização fonética da palavra na língua de origem ou a sua forma gráfica. Os empréstimos que transitam directamente são empréstimos directos, como os seguintes:

- (39) Castelhana: *mantilla* Português: *mantilha*
 Francês: *fantoche* Português: *fantoche*

Os que são introduzidos na língua de chegada por intermédio de uma outra língua são empréstimos indirectos. É o que se verifica nos seguintes casos:

- (40) Grego: *pharmakéia* Latim: *pharmacia* Português: *farmácia*
 Germânico: *garten* Francico: *jardin* Português: *jardim*
 Germânico: *werra* Francico: *guerre* Português: *guerra*
 Neerlandês: **aenmarren* Francês: *amarrer* Português: *amarrar*
 Neerlandês: *bakboord* Francês: *bâbord* Português: *bombordo*

Note-se que a conformação dos empréstimos às propriedades morfológicas e fonológicas do Português e, conseqüentemente, a sua realização fonética e o modo como são grafados, não são sistemáticas. Verificam-se hesitações tão mais frequentes quanto mais recente for a introdução do empréstimo, relacionadas com o facto de a adaptação poder privilegiar a sonoridade da palavra de origem (alterando-se a grafia na forma de chegada) ou a sua forma gráfica (alterando-se a pronúncia e fazendo apenas alguns ajustes na grafia da forma de chegada):

- (41) a. Inglês - *lunch* > *lanche*
 Inglês - *beef* > *bife*
 Francês - *chauffeur* > *chofer*
 Francês - *haut-bois* > *oboé*
 b. Inglês - *club* > *clube*

As propriedades gramaticais das palavras, nomeadamente o género dos nomes, também podem ser modificadas. É frequente que o género atribuído a um empréstimo seja o masculino, mesmo que na língua de origem essas palavras tivessem género feminino (cf. 46a), mas também se regista o caso inverso (cf. 46b):

- (42) a. Francês - *une robe* > *um robe*
 Francês - *une enveloppe* > *um envelope*
 b. Francês - *le courage* > *a coragem*

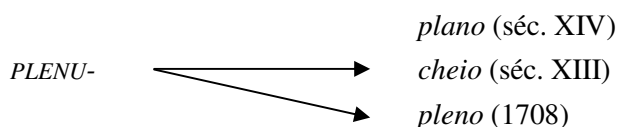
Vejamos agora que origens têm os empréstimos existentes no Português. O uso do Latim na liturgia, no ensino, na diplomacia e na ciência constituiu, durante séculos, um factor de contacto entre estas duas línguas. Por esta razão, e ainda porque a matriz estético-ideológica o propiciava, o recurso ao Latim para a adopção de novas palavras, os chamados **latinismos**, particularmente durante o Renascimento¹⁸ é muito visível no léxico do Português. Esta estratégia é responsável pela ocorrência de palavras cuja forma não é muito distinta da do seu étimo latino e pela modificação na forma de palavras já anteriormente presentes no léxico do Português:

- (43) a. *aluno* < *ALUMNU-*
aplauso < *APPLAUSU-*
infinito < *INFINITU-*
reduzir < *REDUCERE*
vicioso < *VITIOSU-*
- b. *ocupar* substitui *acupar* < *OCCUPARE*
adversário substitui *adversairo* < *ADVERSARIÛ-*
adquirir substitui *aquirir* < *ADQUÍRÈRE*
abundar substitui *avondar* < *ABÚNDÁRE*
digno substitui *dino* < *DIGNU-*
elefante substitui *alifante* < *ELEPHANT-*

Este processo de relatinização do léxico do Português é ainda responsável pelo aparecimento das chamadas **palavras divergentes**, ou seja, de palavras que têm o mesmo étimo, mas uma realização fonética e um conteúdo semântico diferentes. Os exemplos seguintes mostram formas que transitaram do Latim para o Português, *ab initio*, sujeitando-se a todos os efeitos da mudança linguística que caracterizaram este processo, e as palavras cognatas tomadas de empréstimo ao Latim depois de terminado esse período de transição¹⁹:

- (44)
- | | | |
|-----------------------------|---|---------------------------|
| <i>CATHEDRA-</i> | → | <i>cadeira</i> (952) |
| | → | <i>cátedra</i> (séc. XIV) |
| <i>DIRECTU-</i> | → | <i>direito</i> (1277) |
| | → | <i>directo</i> (1836) |
| <i>INTEGRU-</i> | → | <i>inteiro</i> (1093) |
| | → | <i>íntegro</i> (séc. XIV) |
| <i>MAGICU -</i> | → | <i>meigo</i> (1175) |
| | → | <i>mágico</i> (séc. XIV) |
| <i>OCULU -</i> | → | <i>olho</i> (séc. XIII) |
| | → | <i>óculo</i> (1649-1666) |
| <i>PLANU-</i> ²⁰ | → | <i>chão</i> (1264) |

Encontra-se frequentemente uma classificação das formas divergentes que caracteriza a sua entrada no Português como tendo ocorrido por **via popular** ou por **via erudita**. Esta caracterização pode induzir em erro. Na verdade, o que ela pretende captar são localizações temporais distintas: as palavras que entram na língua por via popular são as palavras que fazem parte do léxico do Português desde a formação desta língua, ou antes do Renascimento, *grosso modo* até ao século XIII; as palavras que se considera terem entrado por via erudita são empréstimos tomados ao Latim a partir do Renascimento.



O recurso ao léxico do Latim continua a estar disponível, em particular na formação de compostos pertencentes a terminologias científicas e técnicas, como *fratricida* ou *piscicultura*. Mais frequente, neste domínio, é, porém, o recurso ao léxico do Grego Antigo, com empréstimos que recebem o nome de **helenismos**:

- (45) *dentalgia*
electrotecnia
ergonomia
fotografia
hidrocefalia
idolatria
sociometria
teleologia

As línguas antigas não são, porém, a única fonte a que o Português tem recorrido para a importação de palavras. Os exemplos seguintes mostram empréstimos de diversas proveniências, introduzidos no Português em diversos momentos da sua história e aqui apresentados por ordem cronológica considerando as atestações de Houaiss (nos casos em que a sua atestação é conhecida):

(46) a. **Castelhanismos**²¹

<i>chiste</i>	1543	<i>chiste</i>
<i>airoso</i>	1552	<i>airoso</i> (de <i>aire</i> ‘ar’)
<i>moreno</i>	1561	<i>moreno</i> (de <i>moro</i> ‘mouro’)
<i>neblina</i>	1660	<i>neblina</i>
<i>palito</i>	1720	<i>palito</i> (de <i>palo</i> ‘pau’)
<i>lantejoula</i>	1789	<i>lentejuela</i>
<i>guerilha</i>	1836	<i>guerrilla</i>
<i>bandarilha</i>	1871	<i>banderilla</i> (de <i>bandera</i> ‘bandeira’)
<i>cabecilha</i>	1881	<i>cabecilha</i>
<i>boina</i>	1899	<i>boina</i>

cavalheiro

caballero (de *caballo* ‘cavalo’)

b. **Provençalismos e Galicismos**

<i>abandonar</i>	XIII	<i>abandonner</i> (de <i>bandon</i> ‘poder’)
<i>dama</i>	XIII	<i>dame</i>
<i>jóia</i>	XIII	<i>joyau</i>
<i>monge</i>	XIII	<i>monge</i>
<i>franja</i>	1507	<i>frange</i>
<i>chefe</i>	1545	<i>chef</i>
<i>bilhete</i>	1611	<i>billet</i> (de <i>bille</i> ‘bola’)
<i>comboio</i>	1654	<i>convoi</i> (de <i>convoyer</i> ‘ir pela estrada’)
<i>crêpe</i>	1704	<i>crêpe</i>
<i>terrina</i>	1764	<i>terrine de terre</i>
<i>blusa</i>	1871	<i>blouse</i>
<i>croquete</i>	1871	<i>croquette</i> (de <i>croquer</i> ‘estalar’)
<i>fétiche</i>	1873	<i>fétiche</i>
<i>governamental</i>	1881	<i>gouvernemental</i> (de <i>gouvernement</i>)
<i>montra</i>	1899	<i>montre</i> (de <i>montrer</i> ‘mostrar’)
<i>soutien</i>	XX	<i>soutiens-gorge</i>
<i>lingerie</i>	1931	<i>lingerie</i>
<i>tailleur</i>	1933	<i>tailleur</i>
<i>envelope</i>	1938	<i>enveloppe</i> (de <i>envelopper</i> ‘envolver’)
<i>palmier</i>	1938	<i>palmier</i>
<i>maquilhar</i>	1941	<i>maquiller</i> ‘pintar (o rosto)’
<i>liseuse</i>	1949	<i>liseuse</i>
<i>boîte</i>	1961	<i>boîte</i>
<i>croissant</i>		<i>croissant</i>
<i>filete</i>		<i>filet</i> (de <i>fil</i> ‘fio’)
<i>réveillon</i>		<i>réveillon</i>

c. **Italianismos**

<i>balcão</i>	1360	<i>balcone</i>
<i>tenor</i>	XV	<i>tenore</i>
<i>piloto</i>	1438	<i>piloto</i>
<i>fachada</i>	1548	<i>facciata</i> (de <i>faccia</i> ‘face’)
<i>grotesco</i>	1548	<i>grottesco</i> (de <i>grotte</i>)
<i>contralto</i>	1573	<i>contralto</i>
<i>sentinela</i>	1571	<i>sentinella</i>
<i>soneto</i>	1587	<i>sonetto</i> (de <i>son</i> ‘som’)
<i>aguarela</i>	1615	<i>acquarella</i>
<i>charlatão</i>	1643	<i>ciarlatano</i> (de <i>ciarlare</i> ‘falar’)
<i>ópera</i>	1698	<i>opera</i> ‘obra’
<i>bússola</i>	1712	<i>bussola</i>
<i>terceto</i>	1789	<i>terzetto</i>
<i>atitude</i>	1817	<i>attitudine</i>
<i>pitoresco</i>	1833	<i>pittoresco</i> ‘relativo a pintor’
<i>piano</i>	1858	<i>pianoforte</i>
<i>violoncelo</i>	1858	<i>violoncello</i>
<i>fiasco</i>	1872	<i>fiasco</i> ‘frasco de vidro’

pizzaria XX *pizzeria*

d. **Empréstimos provenientes de línguas africanas**

<i>banana</i>		de uma língua falada na Guiné
<i>berimbau</i>		do Quimbundo, língua falada em Angola
<i>cacimba</i>		do Quimbundo
<i>carimbo</i>		do Quimbundo
<i>cubata</i>		do Quimbundo
<i>samba</i>		do Quimbundo
<i>senzala</i>		do Quimbundo
<i>zumbi</i>		do Quimbundo

e. **Empréstimos provenientes de línguas ameríndias**

<i>canoas</i>	1533	do Aruaque, língua falada entre as bacias do Amazonas e do Oiapoque
<i>chocolate</i>	1726	do Náuatle, língua falada no México
<i>tomate</i>	1721	do Náuatle
<i>cacau</i>	1675	do Náuatle
<i>xícara</i>	1706	do Náuatle
<i>alpaca</i>	1836	do Quíchua, língua falada na Argentina, Bolívia, Equador e Peru
<i>condor</i>	1727	do Quíchua
<i>amendoim</i>	1618	do Tupi, língua falada no Brasil
<i>mandioca</i>	1549	do Tupi
<i>tapioca</i>	1587	do Tupi

f. **Empréstimos provenientes de línguas asiáticas**

<i>leque</i>	1600	do Chinês
<i>bengala</i>	1543	do Hindu
<i>haraquiri</i>	1874	do Japonês
<i>quimono</i>	1897	do Japonês
<i>chá</i>	1565	do Mandarim
<i>pagode</i>	1516	do Malaio
<i>bule</i>	1649	do Malaio
<i>chávena</i>	1649	do Malaio
<i>ketchup</i>	XX	do Malaio
<i>xaile</i>	1789	do Persa

Por último, mas apenas por se tratar do tipo mais relevante na actual sincronia do Português, chegou a vez de falar dos empréstimos com origem no Inglês, aos quais se dá geralmente o nome de **anglicismos**:

(47) *este* XV *est*
 oeste XV *west*
 bolina 1416 *bou(e)line*
 pudim 1799 *pudding*
 bife 1836 *beef*
 lanche 1858 *lunch*

<i>bluff</i>	1899	<i>bluff</i>
<i>futebol</i>	1889	<i>football</i>
<i>líder</i>	1900	<i>leader</i>
<i>golo</i>	1904	<i>goal</i>
<i>flirt</i>	1909	<i>flirt</i>
<i>craque</i>	1913	<i>crack</i>
<i>check-up</i>	1921	<i>checkup</i>
<i>marketing</i>	1960	<i>marketing</i>
<i>andebol</i>	XX	<i>handball</i>
<i>know how</i>	XX	<i>know-how</i>
<i>lobby</i>	XX	<i>lobby</i>
<i>must</i>	XX	<i>must</i>
<i>penalti</i>	XX	<i>penalty</i>

A prevalência de anglicismos, que não se verifica apenas no Português e muito menos ainda apenas no Português Europeu, é satirizada por Zeca Baleiro e Zeca Pagodinho, no *Samba do Approach*:

- (48) Venha provar meu **brunch**
 Saiba que eu tenho **approach**
 Na hora do **lunch**
 Eu ando de **ferry-boat**
 Eu tenho **savoir-faire**
 Meu temperamento é **light**
 Minha casa é **high-tec**
 Toda hora rola um **insight**
 Já fui **fã** do Jethro Tull
 Hoje me amarro no **Slash**
 Minha vida agora é **cool**
 Meu passado é que foi **trash**
 Venha provar meu **brunch**
 Saiba que eu tenho **approach**
 Na hora do **lunch**
 Eu ando de **ferry-boat**
 Fica ligado no **link**
 Que eu vou confessar, **my love**
 Depois do décimo **drink**
 Só um bom e velho Engov²²
 Eu tirei o meu **green card**
 E fui para Miami Beach
 Posso não ser **pop star**
 Mas já sou um **nouveau riche**

*Eu tenho **sex appeal***
*Saca só meu **background***
*Veloz como **Daemon Hill***
*Tenaz como **Fitipaldi***
*Não dispense um **happy end***
*Quero jogar no **dream team***
*De dia um **macho man***
*E de noite **drag queen***

2.5 Sobre Arcaísmos e Dialectalismos

O léxico de uma língua é uma entidade dinâmica, sensível à passagem do tempo e ao efeito das circunstâncias, e de contornos variáveis em resultado de processos de perdas e ganhos das unidades que o constituem. **Arcaísmos** são as palavras que, num dado momento da história de uma língua, deixaram de ser utilizadas pela comunidade linguística falante dessa língua. Trata-se de palavras que já fizeram parte activa do léxico da língua, mas que, por variadas razões, caíram em desuso. É o que se verifica nos seguintes casos:

- (49)
- | | |
|--|-------------------------------|
| <i>antanho</i> <small>ADV</small> | = no ano passado |
| <i>coita</i> <small>N[+fem]</small> | = dor, desgosto |
| <i>fiúza</i> <small>N[+fem]</small> | = confiança, fé |
| <i>igualdança</i> <small>N[+fem]</small> | = igualdade |
| <i>lugar</i> <small>V</small> | = brincar, jogar, divertir-se |
| <i>velido</i> <small>ADJ</small> | = belo |

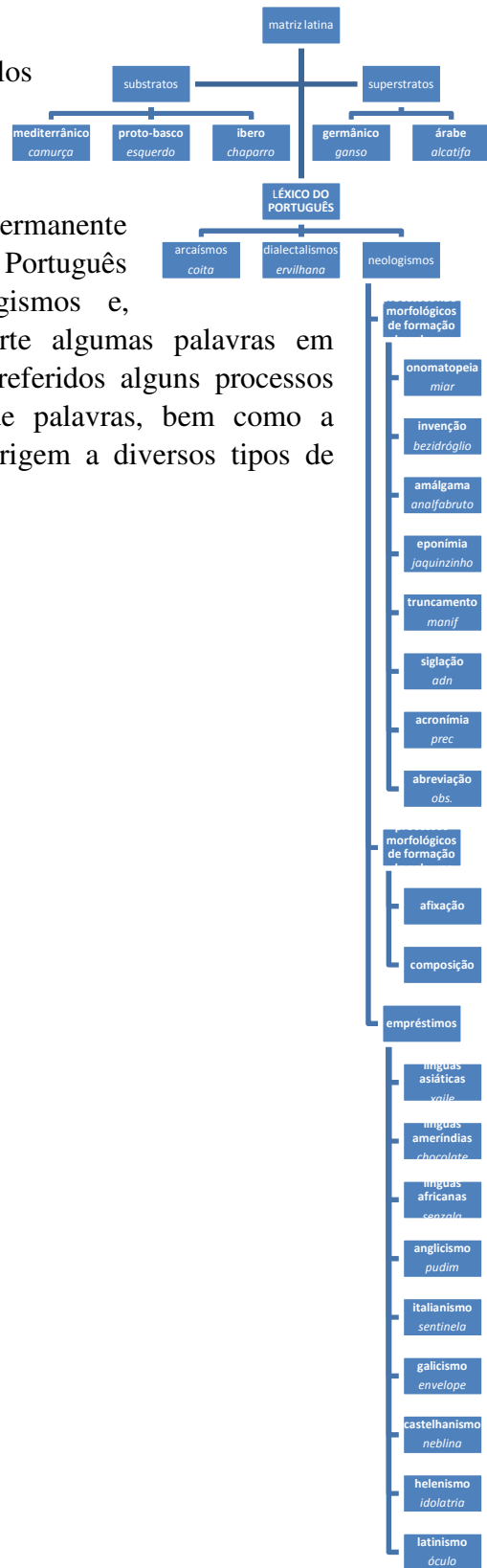
Geralmente também são excluídas as palavras cujo uso só é frequente em dialectos ou em sociolectos não prestigiados. Quando registadas, estas palavras são referidas como dialectalismos ou provincianismos. Em relação ao dialecto de Lisboa, integram esta categoria palavras como:

- (50)
- | | |
|-------------------|--|
| <i>caço</i> | = concha de sopa |
| <i>carapins</i> | = sapatinhos de dormir, botinhas de bebé |
| <i>ervilhana</i> | = amendoim |
| <i>liteiro</i> | = coberta de trapo |
| <i>porca-sara</i> | = bicho de conta |
| <i>saltarico</i> | = gafanhoto |
| <i>xerém</i> | = papas de milho |

Tópicos de Recapitulação Geral

O léxico do Português tem como base o léxico latino, particularizado por alguma resistência das línguas existentes na Península Ibérica no período anterior ao da permanência do Latim e alguns vestígios das línguas supervenientes.

Nos seus cerca de sete séculos de existência, o léxico do Português não ficou, porém, imóvel, estando os processos de perdas e ganhos de palavras em permanente tensão. Ou seja, o léxico do Português integra, sistematicamente neologismos e, também sistematicamente, converte algumas palavras em arcaísmos. Neste capítulo foram referidos alguns processos não-morfológicos de formação de palavras, bem como a importação de palavras que dá origem a diversos tipos de empréstimos.



Exercícios

1. Dê cinco exemplos de palavras de origem latina que não sejam latinismos introduzidos no Português após o Renascimento.
2. Procure encontrar três palavras portuguesas de origem pré-latina.
3. Identifique cinco formas caracterizáveis como vestígios dos superstratos linguísticos do Português.
4. Caracterize etimologicamente cada uma das seguintes palavras:

<i>abacate</i>	<i>cobarde</i>
<i>alcunha</i>	<i>diletante</i>
<i>alecrim</i>	<i>fatia</i>
<i>alfaiate</i>	<i>ganadaria</i>
<i>alfândega</i>	<i>granizo</i>
<i>almofada</i>	<i>jasmim</i>
<i>ananás</i>	<i>javali</i>
<i>background</i>	<i>maionese</i>
<i>bandido</i>	<i>queque</i>
<i>biombo</i>	<i>robe</i>
<i>burlesco</i>	<i>tanga</i>
<i>cachimbo</i>	<i>tertúlia</i>
<i>canja</i>	<i>vagão</i>
<i>clube</i>	<i>zero</i>

5. Identifique dez anglicismos correntemente utilizados no Português Europeu contemporâneo. Comente a sua forma fonética e ortográfica, propondo, se assim o entender, formas alternativas, novas pronúncias ou novas grafias.
6. Identifique dez empréstimos de diferente origem linguística.
7. Indique cinco neologismos recentes, bem como a paráfrase que considera adequada a cada um deles.
8. Procure escrever um pequeno texto em que use três palavras inventadas por si (certifique-se de que não estão atestadas, consultando diversos dicionários). Dê esse texto a ler a outras pessoas e pergunte-lhes se conhecem essas palavras, se sabem o que significam. Se a resposta for negativa, peça-lhes que procurem adivinhar um significado.
9. Classifique as seguintes palavras quanto à sua formação:

<i>algarismo</i>	<i>lipo</i>
<i>AVC</i>	<i>radar</i>
<i>chupa-chupa</i>	<i>rádio</i>
<i>fã</i>	<i>stôr</i>
<i>flagra</i>	
<i>freudiano</i>	

10. Encontre cinco epónimos, cinco palavras formadas por amálgama, cinco acrónimos, cinco siglas, cinco palavras formadas por truncamento, cinco palavras onomatopaicas. Procure explicar como se formou cada uma destas palavras.
11. Que hipocorístico corresponde ao seu nome próprio? E na sua família que outras palavras deste tipo são geralmente usadas? Procure identificar o processo de formação de cada uma dessas palavras.
12. Como caracteriza a relação entre as palavras *traição* e *tradição*. Identifique cinco outros casos do mesmo tipo.
13. Identifique cinco arcaísmos.
14. Procure um significado lexical que seja transmitido dialectalmente por diferentes palavras.

Leituras Complementares

CORREIA, M. E LEMOS, L. S. P.

2005 *Inovação Lexical em Português*
Lisboa: Colibri

PIEL, J.M.

1976 Origens e estruturação histórica do léxico português

1986 *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa* (9-16)

Lisboa: Imprensa-Nacional – Casa da Moeda

www.instituto-camoes.pt/CVC/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf

Para Consulta

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

2001 *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*
Lisboa: Verbo

AURÉLIO ET AL.

2004 *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*
Rio de Janeiro: Positivo

CUNHA, A.G.

1996 *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*
Rio de Janeiro: Nova Fronteira

HOUAISS ET AL.

2001 *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*
Rio de Janeiro: Objetiva

PRIBERAM INFORMÁTICA E PORTO EDITORA

1996 *Dicionário da Língua Portuguesa*
Porto Editora

VAZA, A. E AMOR, E.

2006 *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*
Lisboa: Verbo